

# A categoria “Luz” nos Manuscritos do Mar Morto

*Maria Aparecida de Andrade Almeida<sup>1</sup>*

## RESUMO

Em 1947, na Palestina, mais precisamente em Qumran, foram encontrados alguns rolos antigos que receberam o nome de “Manuscritos do Mar Morto” ou “Rolos do Deserto de Judá”. Entre os escritos havia textos bíblicos e também textos sectários que revelam certa diversidade no judaísmo antigo. Nestes documentos aparecem um forte dualismo entre “trevas” e “luz”, principalmente nos rolos conhecidos como 1 QS III ou *Serek HaYahad* (Manual de Disciplina ou A Regra da Comunidade) e 1 QM ou *IQMilhamah*, (Manuscritos da Guerra da Caverna 1 ou Livro da Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas). O objetivo deste artigo é analisar a categoria “luz” presente nestes rolos e fazer um paralelo com o Quarto Evangelho. O dualismo entre trevas e luz encontrado no Quarto Evangelho provém da comunidade de Qumran? A comunidade joanina deixou-se influenciar por alguma seita ou grupo de sua época? Membros da comunidade joanina pertenceram à comunidade de Qumran?

## PALAVRAS-CHAVE

Qumran, Luz, Judaísmo, Identidade, Quarto Evangelho.

---

<sup>1</sup> Maria Aparecida de Andrade Almeida, bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana – Taubaté, mestra e doutoranda em Ciências da Religião/Literatura e Religião no Mundo Bíblico – Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bolsista da FAPESP e integrante do Grupo de Pesquisa Oracula.

**ABSTRACT**

Some scrolls were found in Qumran near the Dead Sea in 1947. They received the name “Dead Sea Scrolls” or “The Scrolls from the Judean Desert”. Among these texts are manuscripts of the Hebrew Bible as well as extra-biblical, sectarian texts. The variety of the texts reveals several groups in ancient Judaism. The documents present a strong dualism between “darkness” and “light”, especially in the scrolls known as 1 QS III or *SerekHaYahad* (Manual of Discipline or Community Rule) and 1 QM or *1QMilhama* (War Scroll from cave 1 or Book of War between the Children of Light and the Children of Darkness). The objective of this paper is to analyze the category “light” in the scrolls above mentioned and to draw an analogy between them and the Fourth Gospel. Does the dualism between darkness and light presented in the Fourth Gospel have its origins in the Qumran community? Did a contemporary religious group or sect influence the Johannine community? Did some members of the Johannine community also belong to the Qumran community?

**KEYWORDS**

Qumran, Light, Judaism, Identity, Fourth Gospel.

## 1. Introdução

Na Palestina, nas proximidades do Mar Morto, no verão de 1947, um jovem pastor beduíno chamado Muhammad Edh-Dhib, à procura de uma ovelha perdida no deserto da Judéia, entrou em uma caverna e achou alguns jarros cheios de rolos de papel antigos. Foram descobertos milhares de fragmentos de textos hebraicos, aramaicos e gregos. Na verdade, mais de 800 inumeráveis e complicados fragmentos, constituindo uma verdadeira biblioteca. Os documentos de Qumran ficaram conhecidos pelos nomes de “Manuscritos do Mar Morto” ou “Rolos do Deserto de Judá” e propiciaram uma grande quantidade de fontes para o estudo do judaísmo antigo e

para o entendimento de textos cristãos com motivação e background judaicos.<sup>2</sup>

A notícia da descoberta divulgou-se e outros beduínos começaram a fazer pesquisas por conta própria, de tal modo que em Dezembro de 1947, a Universidade Hebraica de Jerusalém, por meio do arqueólogo judeu Eliezer Lipa Sukenik, que tinha intuído a antiguidade dos documentos e a sua ligação aos essênios, comprou um maço de três manuscritos, que hoje se conservam através de réplicas no Santuário do Livro em Jerusalém. Entretanto, em Fevereiro de 1948, Mar Atanásio mostrou os 4 rolos da 1Q à ASOR (American School of Oriental Research) para ver se os seus técnicos podiam decifrar aquela estranha escrita. Contudo, o início da guerra pela independência de Israel, obrigou-o a emigrar para os Estados Unidos, levando consigo os manuscritos, que foram comprados mais tarde pelo novo Estado de Israel por 250 mil dólares. Em Julho de 1948, com a divisão da Palestina entre Israel e a Jordânia, a parte oriental da Palestina, chamada Cisjordânia, ficou integrada no Reino Hashemita da Jordânia e, logo no começo de 1949, o Departamento de Antiguidades da Jordânia, em colaboração com a École Biblique et Archéologique Française e outras instituições científicas de Jerusalém oriental, empreendeu escavações na região de Qumran, cujas descobertas arqueológicas foram logo estudadas e publicadas.

De 1955 a 1956, novas escavações, dirigidas pelo dominicano Roland De Vaux, acabaram por descobrir as 11 grutas de Qumran, sendo as mais importantes a 1 Q descoberta em 1947, a 4 Q em 1952, a 11 Q em 1956. Depois de algumas hesitações e divergências, é ao De Vaux que se deve o sistema em vigor das siglas para a citação dos documentos de

---

<sup>2</sup> Sobre a história da descoberta, sua importância e situação da pesquisa, cf. Florentino García MARTINEZ. **Textos de Qumran: edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 15-29; Gervásio F. ORRÚ. **Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993; Philip DAVIES, George BROOKE, and Phillip CALLAWAY. **The Complete World of the Dead Sea Scrolls**. Thames & Hudson, 2002; Edmund WINSON. **Os Manuscritos do Mar Morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; Garry W. TROMPF. Introduction I: The long history of Dead Sea Scrolls Scholarship. In: **The Journal of Religious History** 26/2, 2002, p. 123-144.

Qumran, apontando o número da gruta e a inicial de cada documento (1 QS = Serek HaYahad; 1 QM = Milhamah; 1Q P = Peshar de Habacuc; 1 QH = Hodayot; f indica fragmento: 1 Q 35f7) ou antepondo a este o M (grutas de Murabba`at), ou pospondo o P (Papiro).<sup>3</sup>

De acordo com Allegro, os conhecimentos arqueológicos e a análise do Carbono 14 permitiram uma datação bastante precisa para todo aquele valioso e extraordinário achado. Em termos de manuscritos hebraicos da Bíblia, dava-se um enorme salto qualitativo que permitia passar do século X da nossa era cristã para o século II antes de Cristo. Por seu lado, a descoberta de moedas, sobretudo na zona do Hirbet Qumran, sem que nenhuma se descobrisse nas grutas, permitiu uma datação muito aproximada dos fatos, que se escalonam entre 152 a.C, até 135 d.C.<sup>4</sup>

Encontramos em Qumran um forte dualismo entre luz e trevas (1 QS III e 1QM) e este tem sido objeto de considerável interesse e discussão.<sup>5</sup> De fato, é significativo notar que o dualismo característico do judaísmo tardio, aquele do pensamento em duas eras distintas: o *éon* presente e o *éon* futuro são modificados na literatura de Qumran, especificamente em 1QS 11,11 em que se exclui a possibilidade de que alguma coisa possa não ter sido criada por Deus. Um dualismo ontológico, ético e não metafísico, onde dentro de um determinismo predestinacionista cada indivíduo está marcado desde o seu nascimento<sup>6</sup>, como veremos logo adiante.

<sup>3</sup> James C. VANDERKAM. “Os manuscritos do mar morto e o cristianismo”. In: Hershel SHANKS. **Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

<sup>4</sup> John Marco ALLEGRO. **Os manuscritos do Mar Morto**. Lisboa: Europa América, 1958.

<sup>5</sup> Howard Merle TEEPLE. **The literary origin of the gospel of John**. Evanston Religion and Ethics Institute, 1974, p. 16; James H. CHARLESWORTH. A Critical Comparison of the Dualism in IQS 3:13-4:26 and the Dualism Contained in the Gospel of John. In: **John and the Dead Sea Scrolls, Christian Origins Library**, (1990), p. 410.

<sup>6</sup> M. Guerra GÓMEZ. *Qumrán y el Nuevo Testamento*. In: **Estudios Bíblicos “Nova et Vetera”** 1, 1975, p. 7-28.

## 2. 1 QS III: Luz na Regra da Comunidade

I QS III ou Serek HaYahad (Manual de Disciplina ou A Regra da Comunidade) é o documento legislativo mais importante nos escritos da comunidade de Qumran descobertos na gruta 1, em 1947.<sup>7</sup> Provavelmente seu autor é o próprio fundador da comunidade, conhecido nos textos como o Mestre da Justiça, cuja função era guiar os fiéis pelo caminho justo e fazer conhecer a iminência e o resultado do juízo divino.<sup>8</sup> Pelo que parece a Comunidade de Qumran tinha duas classes: os “Monásticos” e os casados. Essa conclusão pode ser tirada da própria Regra da comunidade, onde contém as normas e as disposições válidas para os membros da comunidade que tinham uma vida praticamente “monástica” e do Documento de Damasco e a Regra Anexa que contém normas para os membros casados. Os membros da comunidade de Qumran, segundo os textos, se dirigiam uns aos outros como “filhos da luz” (1QS 1,9; 3,13.25), “filhos da justiça” (1 QS 3,20.22; 9,14), “filhos da verdade” (1 QS 4,5), “homens de santa perfeição” (1 QS 8,20), “homens de santidade” (1 QS 5,18), “conselho de santidade” (1 QS 8,21), “aqueles que se consagram a sim mesmos (1 QS 5,8) e “comunidade” (1 QS 1,1).

A Regra da Comunidade é uma obra sectária, crucial para a compreensão da vida na comunidade em Qumran. Nela contém temas como a admissão de novos membros, a conduta nas refeições em grupo, e até

<sup>7</sup> É provavelmente um dos documentos mais antigos da comunidade. Sua composição original pode datar de 100 a.C. Parece que se destinava aos professores da comunidade, aos seus Mestres ou Guardiões, e contém trechos de cerimônias litúrgicas, o esboço de um modelo de sermão sobre os espíritos da Verdade e da falsidade, estatutos referentes à iniciação para a seita e à vida em comum, organização e disciplina, um código penal e, por fim, uma dissertação poética sobre os deveres religiosos fundamentais do Mestre e seus discípulos, e ainda sobre as épocas sagradas, próprias da comunidade, cf. Geza VERMES. **Os manuscritos do Mar Morto**. São Paulo: Mercury, 1991, p. 73; J. CARMIGNAC.; P. GUILBERT. **Les textes de Qumran traduits et annotés: La Règle de La Communauté, La Règle de la Guerre, Les Hymnes**. Paris: Letouzey et Ané, 1961, p. 12.

<sup>8</sup> H. A. BUTLER. The Chronological Sequence of the Scrolls os Qumran Cave One. In: **RQ** 8 (1960), p. 535.

doutrinas teológicas (crença no dualismo cósmico e na predestinação).<sup>9</sup> Nesta regra, a categoria luz (rAa=) aparece 17 vezes (1,9; 2,16; 3,3.7.13.19.20.20.24.25.25; 4,8; 10,1.2; 11,3.3.5), sempre relacionada ao manancial do conhecimento e aparece em oposição à trevas. Luz e trevas correspondem ao bem e ao mal e são como duas potências ativas, dois meios transcendentais, superiores ao homem, que o faz seguir para o caminho do bem ou para o caminho do mal.<sup>10</sup> Portanto, o conflito entre justos e maus era visto na perspectiva de um conflito entre justiça e maldade, entre o Anjo da luz e o Anjo das trevas, entre o espírito da verdade e o espírito da falsidade, entre Miguel e Belial. Esse conflito teve início na criação e culminará numa batalha escatológica<sup>11</sup> dos filhos da luz contra os filhos das trevas<sup>12</sup>:

Vacat. Para o sábio, para que instrua e ensine todos os filhos da luz sobre a história de todos os filhos do homem, acerca de todas as classes de seus espíritos, segundo os seus signos, acerca de suas obras em suas gerações, e acerca da visita de seu castigo e do tempo de sua recompensa. Do Deus de conhecimento provém

---

<sup>9</sup> O Documento de Damasco é mais primitivo no desenvolvimento teológico da comunidade de Qumran do que a Regra da Comunidade. A relação literária entre o I QS e os outros escritos encontrados nas grutas tem sido uma base para a datação tardia da Regra da Comunidade. Neste sentido, o Comentário de Habacuc, os Hinos de Ação de Graças, a Regra da Guerra e a Regra da Congregação mostram uma relação mais próxima com o Documento de Damasco do que com a Regra da Comunidade. A ordem cronológica seguiria assim em três grupos: primeiro, o Comentário de Habacuc, o Documento de Damasco e os Hinos; segundo, a Regra da Guerra e a Regra da Congregação; e terceiro, a Regra da Comunidade, cf. H. A. BUTLER. **The Chronological Sequence of the Scrolls of Qumran Cave One**, p. 533-538; CHARLESWORTH, J. **A Critical Comparison of the Dualism in IQS 3,13-4,26 and the Dualism Contained in the Gospel of John**, p. 410.

<sup>10</sup> Jaime Vázquez ALLEGUE. **Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas. El Prólogo de la Regla de la Comunidad de Qumrán**. Estella: Verbo Divino, 2000, p. 72-85.

<sup>11</sup> Elisa RODRIGUES. (et al). “Batalha escatológica”. In: **Palavra de Deus, Palavra da Gente: as formas literárias na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 164-165.

<sup>12</sup> Herbert Gordon MAY. *Cosmological Reference in the Qumran Doctrine of the Two Spirits and in Old Testament Imagery*. In: **Journal of Biblical Literature**, 82.1, 1963, p. 6.



tudo o que é e o que será. Antes que existissem fixou todos os seus planos e quando existem completam as suas obras de acordo com as suas instruções, segundo o seu plano glorioso e sem mudar nada. Em sua mão estão as leis de todas as coisas, e ele as sustenta em todas as necessidades. Ele criou o homem para dominar o mundo, e pôs nele os espíritos, para que caminhe por ele até o tempo de sua visita: são os espíritos da verdade e da falsidade. Do manancial da luz provêm as gerações da verdade, e da fonte das trevas as gerações de falsidade. Na mão do Príncipe das luzes está o domínio sobre todos os filhos da justiça; eles andam por caminhos de luz. E na mão do Anjo das trevas está todo o domínio sobre os filhos da falsidade; eles andam por caminhos de trevas. Por causa do Anjo das trevas se extraviam todos os filhos da justiça, e todos os seus pecados, suas iniquidades, suas faltas e suas obras rebeldes, estão sob o domínio de acordo com os mistérios de Deus, causados pelo domínio de sua hostilidade; e todos os espíritos de seu lote fazem cair os filhos da luz. Porém o Deus de Israel e o anjo de sua verdade ajudam todos os filhos da luz. Ele criou os anjos da luz e das trevas, e sobre eles fundou todas as obras (1QS III, 13-25).<sup>13</sup>

Neste trecho encontramos os “filhos da luz” e os “filhos das trevas”; o “Príncipe das luzes” e o “Anjo das trevas”; os “caminhos de luz” e os “caminhos de trevas”. Há dois espíritos que guerreiam um contra o outro – o Espírito da Verdade e o Espírito da Perversidade. O Espírito da Verdade<sup>14</sup> procede de uma fonte de luz, e o Espírito da Perversidade de uma fonte de trevas (1QS 3,19).<sup>15</sup> Cada um destes dois espíritos domina sobre uma parte da humanidade, que se encontra nitidamente dividida entre dois grupos: os filhos da luz ou da verdade e os filhos das trevas ou da perversidade. Na mão do Príncipe da luz está o domínio sobre os filhos da justiça; eles caminham pelos caminhos da

<sup>13</sup> Florentino, GARCÍA MARTÍNEZ. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 6.

<sup>14</sup> Cf. BOISMARD. La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan. In: *CuBi* 12, 1955, p. 258-259.

<sup>15</sup> Jerome MURPHY O’CONNOR. La verité chez saint Paul et à Qumran. In: *Revue Biblique* 72, 1965, pp. 29-76.

luz; mas na mão do Anjo das trevas está o domínio sobre os filhos da impiedade; eles andam pelos caminhos das trevas.

Podemos observar que estes “dois espíritos” são elementos alternativos oferecidos ao homem pelo próprio Deus. Foi Ele quem os criou e é Ele quem vem em socorro de todos os filhos da luz. A grande batalha espiritual entre a luz e as trevas continuará até o momento da visitação de Deus, isto é, até o último julgamento, o momento quando Deus destruirá o espírito maligno para sempre.<sup>16</sup>

Pois Deus estabeleceu os espíritos em media igual até a idade final e plantou ódio eterno entre suas divisões. A verdade abomina as ações da mentira, e a mentira odeia todas as formas de verdade. E sua luta é feroz em todas suas disputas, pois elas não caminham juntas. Deus, nos mistérios de seu conhecimento e na sabedoria de sua glória, fixou um fim para a existência da injustiça, e no tempo de sua visita a destruirá para sempre. Então a verdade se levantará para sempre no mundo que se contaminou em caminhos de maldade durante o domínio da injustiça, até o momento decretado para o juízo. Então purificará Deus com sua verdade todas as obras do homem, e refinará para si a estrutura do homem arrancando todo espírito de injustiça do interior de sua carne, e purificando-o com o espírito de santidade de toda ação ímpia (1QS 4,16-21).

A comunidade de Qumran acreditava que Deus havia dividido a humanidade em dois campos opostos e que os seus membros eram os verdadeiros filhos da luz. Como membro da comunidade não deveria retribuir a ninguém com o mal (cf. 1QS 10,17), nem se interessar pela violência (cf. 1QS 10,18-19). Antes, deveria desejar o bem (cf. 1QS

---

<sup>16</sup> A comunidade de Qumran acreditava na doutrina da divina eleição. Na “Regra da comunidade” a palavra “sorte”, “destino”, repete-se catorze vezes. É usada em dois sentidos relacionados. Em certos contextos fala da “sorte” do homem na vida, isto é, o destino permitido por Deus a cada indivíduo. Em outros contextos, fala de duas divisões do ser humano. A primeira se refere aos justos, chamados “homens do destino de Deus”; a segunda divisão compõe-se dos perversos, conhecidos como “homem do destino de Belial”. Cf. Charles F. PFEIFFER. **The Dead Sea Scrolls**. Grande Rapids: Baker Book House, 1962, p. 56.



10,18). No entanto, isto nada mudava no ódio eterno contra todos os filhos das trevas (cf. 1QS 9,21-22), na ira contra os homens de maldade (cf. 1QS 10,19-20) e na falta de misericórdia para com os apóstatas (cf. 1QS 10,20-21).<sup>17</sup> Ainda que cômicos da grande batalha entre o reino da luz e o reino das trevas, os membros da comunidade estavam certos da proteção divina sobre suas vidas. Essa proteção era resultado da observância da Lei, da busca da vontade de Deus em todas as coisas e do fato de se abandonarem espontaneamente nele.<sup>18</sup> Por causa de sua devoção à verdade, os “filhos da luz” são chamados de “testemunhas da verdade” (1QS 8,6) e, por causa disso, odeiam a injustiça. A verdade é vista, ainda, como um meio de purificação e de santificação, uma vez que as conseqüências inerentes da destruição do espírito do mal e a vitória do espírito da verdade se manifestam como uma purificação moral da humanidade.

Muito da literatura sectária de Qumran – na postura daqueles judeus que atuaram para instaurar um isolamento próprio absoluto diante dos outros, tidos por impuros – de alguma forma é relacionada ao dualismo apocalíptico de I Henoque encontrados na Gruta 4.<sup>19</sup> É característico deste documento, afirmar ser a história o cenário de um conflito entre luz e trevas que culminará numa grande batalha escatológica:

Daqui em diante aos santos seja dito que procurem nos céu

---

<sup>17</sup> Joachim JEREMIAS. **Teologia do Novo Testamento**. 3ª Ed. São Paulo, Teológica/Paulus, 2004, p. 246.

<sup>18</sup> CHARLESWORTH, J. H. A Critical comparison of the Dualism in 1QS III.13-IV.26 and the ‘Dualism’ contained in the Fourth Gospel. In: *NTS* 15, 1968-69, p. 114.

<sup>19</sup> Na gruta de Qumran foram encontrados sete importantes cópias atestadas pela versão etíope catalogadas como *4Q201-2* e *204-12* e fazem parte da herança deixada pela comunidade Nazarita do Mar Morto. A divisão do livro de I Enoque é a seguinte: Livros dos Vigilantes (6-36), Parábolas de Enoque (37-71), Livro Astronômico (72-82), Livros dos Sonhos [com o apocalipse dos Animais] (83-90) e Epístola de Enoque (91-105). Dentro da Epístola de Enoque encontramos o *Apocalipse das Semanas* (93, 1-10; 91, 11-17). Existem outros dois livros chamados II Livro de Enoque e III Livro de Enoque. Cf. John COLLINS. **Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls**. London, 1997, p. 91; John J. COLLINS. Power in Heaven: God, Gods and Angels in the Dead Sea Scrolls. In: John COLLINS and Robert KUGLER. **Religion in the Dead Sea Scrolls**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans P. Company, 2000.

os segredos da retidão, a porção da fé; semelhante ao sol nascido sobre a terra, enquanto a escuridão se vai. Alí haverá luz interminável; eles não entrarão em contagem de tempo, pois a escuridão será previamente destruída e a luz aumentará diante do Senhor dos espíritos; diante do Senhor dos espíritos a luz da honradez aumentará para sempre.

Os textos enoquitas testemunham que a origem do mal no mundo tem uma causa sobre-humana oriunda de uma rebelião angelical.<sup>20</sup> Esse é um motivo central do dualismo apocalíptico e é assim também declinado na Regra da Comunidade, como vimos em 1QS III 13-25.

### 3. 1 QM: Luz na Regra da Guerra

A mais famosa das composições escatológicas é provavelmente o 1QM ou 1QMilhamah, Manuscritos da Guerra da Caverna 1 e daí a abreviação, chamado por Sukenik de “A Regra da Guerra” ou “Livro da Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas”. Segundo Geza Vermes, esta obra não deve ser confundida com um manual militar da arte da guerra pura e simplesmente. É um escrito teológico, e a guerra mencionada simboliza a luta eterna entre os espíritos da Luz e das Trevas. As fases de sua batalha são fixadas previamente, seu plano estabelecido e sua duração predeterminada. As forças oponen-

---

<sup>20</sup> De acordo com o relato dos capítulos 6-11 de I Enoque, um grupo de seres angelicais nomeados como *Vigilantes* se atraíram pela *beleza das filhas dos homens*, e conspiraram entre si sob a liderança de *Shemiaza*, com o propósito de possuírem as belas mulheres. Da relação mulheres/Vigilantes nasceram os gigantes, seres híbridos que comeram toda a alimentação da terra, e depois os próprios seres humanos. Com o derramamento de sangue a humanidade clamou a Deus. Ao ver instaurado o caos sobre a terra, os anjos Miguel, Sariel, Rafael e Gabriel, que estavam no céu, intercederam ao “Altíssimo” a favor da humanidade, Cf. Alejandro Diez MACHO. **Apócrifos del Antiguo Testamento**. Tomo IV – Ciclo de Henoc. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984, pp. 13-39; COLLINS, J.J. **The Apocalyptic Imagination**; COLLINS, J. J. **Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls**, cap. III.

tes são equilibradas, e somente com a intervenção da “poderosa mão de Deus” é que esse equilíbrio entre elas é perturbado, quando então Ele desfere um “golpe perpétuo” contra “Satanás e todas as hostes de seu reino”.<sup>21</sup>

Descobertas de fragmentos nas Cavernas 4 e 5 de Qumran sugerem que a versão conservada é um documento composto baseado em obras, que datam da segunda metade do século II a.C.<sup>22</sup> Para Valtair A. Miranda, deve ter sido produzidos a partir do final do quinto século a.E.C., porque a descrição que faz da formação de batalha do exército dos filhos da luz apresenta semelhanças com os relatos e táticas de manuais militares gregos. Apesar de todas as semelhanças formais, Valtair apresenta também grandes diferenças entre 1QM e os manuais militares antigos.<sup>23</sup> De modo que fica um pouco difícil uma datação exata.

O Rolo da Guerra fala de um conflito escatológico, uma batalha entre povos e nações, enfatiza a condução da guerra santa segundo a Lei de Moisés e explica que diversas batalhas devem irromper antes da vitória final de Deus. A formação do exército dos filhos da luz é descrita em detalhe, incluindo as armas usadas.<sup>24</sup> A primeira parte da Regra da Guerra resume o curso de uma guerra que durará quarenta anos<sup>25</sup> e será

<sup>21</sup> VERMES, G. **Os manuscritos do Mar Morto**, p. 115.

<sup>22</sup> James C. VANDERKAM. **Os manuscritos do Mar Morto hoje**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995, p. 70; MARTINEZ, *Textos de Qumran*, pp. 139-169; KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**, vol. 1, p. 261.

<sup>23</sup> Para uma análise detalhada sobre 1QM consultar: Valtair A. MIRANDA. **O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade em Apocalipse 14.1-5**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010 (Tese de Doutorado), p. 172-181.

<sup>24</sup> Cf. John J. COLLINS. The Mythology of Holy War in Daniel and the Qumran War Scroll: a Point of Transition in Jewish Apocalyptic. In: **Vetus Testamentum** 25/3, 1975, p. 606. Conferir ainda J. J. COLLINS. Dualism and Eschatology in 1QM: a Reply to P. R. Davies. In: **Vetus Testamentum** 29/2 (1979), 212-215.

<sup>25</sup> Há uma divergência entre as colunas 1 e 15-19, de um lado, e a coluna 2-9 quanto ao tempo da guerra.

Enquanto esta última fala de uma guerra de 40 anos, as outras falam em 7 anos de conflito (divididos em 7 fases). Segundo J. J. COLLINS, A tradição da guerra de quarenta anos parece ser uma evocação do período de deserto. Cf. **Apocalypticism**

travada entre aqueles a quem o texto chama de “filhos da luz” e “filhos das trevas”. Alguns textos da literatura bíblica mencionam essa ocasião por meio de expressões como: “virá o fim” (Mt 24,14), “dia do juízo” (Mt 10.15) e “naquele dia” (Mt 7.22):

O primeiro ataque dos filhos da luz será lançado contra o lote dos filhos das trevas, contra o exército de Belial, contra a tropa de Edom e de Moab e dos filhos de Amon e a tropa de... e de Fislistéia, e contra as tropas dos Kittim de Assur e os que ajudam dentre os ímpios da aliança. Os filhos de Levi, os filhos de Judá e os filhos de Benjamim, os exilados do deserto, guerrearão contra eles. ... contra todas as tropas, quando os filhos da luz exilados no deserto dos povos retornarem para acampar no deserto de Jerusalém. E depois da guerra subirão dali... dos Kittim no Egito. E a seu tempo, sairá com grande fúria para guerrear contra os reis do norte, e sua cólera exterminará e cortará o chifre de... Seguirá um tempo de salvação para o povo de Deus e um período de domínio para todos os homens de seu lote, e destruição eterna para todo lote de Belial. Haverá pânico grande entre Jafé e cairá Assur, e não haverá socorro para ele; o domínio dos Kittim se acabará sendo abatida a impiedade sem que fique um resto e não haverá escape para os filhos das trevas (1QM I, 1-9).

Outras passagens designam a guerra como o “dia da vingança” (1QM, VII, 5; cf. 1QM, XV, 3) e a “batalha de Deus” (1QM, IX, 5). Os filhos da luz e o lote das trevas guerrearão juntos pelo poder de Deus, entre o grito de uma multidão imensa e o clamor dos deuses e dos homens, no dia da calamidade. Será um tempo de tribulação para todo o povo redimido por Deus. De todas as tribulações, nenhuma será como esta, desde sua aceleração até que se complete a redenção eterna (cf.

---

**in the Dead Sea Scrolls**, p. 96. Já a tradição das setes fases parece ser baseada em fontes persas. Cf. COLLINS, *The Mythology of Holy War in Daniel and the Qumran War Scroll: a Point of Transition in Jewish Apocalyptic*, p. 606; cf. também MIRANDA. **O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade em Apocalipse 14.1-5**, pp. 172-181.

1QM I, 11-12; 4QM496 [4papQMf] I, 2-9).<sup>26</sup> O tratado da guerra tem como pano de fundo uma longa tradição bíblica sobre uma guerra final no fim dos tempos citado no livro de Ezequiel (38-39); Daniel (7-12) e também no Apocalipse, em que uma guerra é descrita entre as forças terrestres e celestes (Ap 12,1-22,5).<sup>27</sup>

Na guerra, os filhos da luz serão os mais fortes durante três lotes para derrotar a impiedade; e em outros três, o exército de Belial<sup>28</sup> se cingirá para fazer retroceder o lote de Deus. Os batalhões de infantaria farão derreter o coração dos filhos das trevas, porém o poder de Deus reforçará o coração dos filhos da luz. E no sétimo lote a grande mão de Deus submeterá Belial e todos os anjos de seu domínio e todos os homens do lote. Deus, ou o seu auxiliar Miguel, levará os filhos da luz à vitória (Cf. 1QS XIII, 10), para “humilhar as trevas e para fortalecer a luz” (1QS XIII, 15).

Miguel (*Quem é como Deus?*)<sup>29</sup> é o chefe dos anjos, que socorre e protege o povo de Israel contra as ameaças dos inimigos terrestres e do inimigo celestial, Satanás. Miguel é um anjo majestoso (o Príncipe da luz por sua oposição a Lúcifer: “o Portador da luz”, o anjo da luz que se tornou o Príncipe das trevas) que fará brilhar de gozo a aliança de Israel, trará paz e bênção ao lote de Deus (1QM XVII, 6-7).

---

<sup>26</sup> Jean DUHAIME. *The War Texts: 1QM and Related Manuscripts*. New York: T&T Clark International, 2004, p. 6-10.

<sup>27</sup> Sobre a guerra no Apocalipse, Cf. MIRANDA. **O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade em Apocalipse 14.1-5**, p. 205-214.

<sup>28</sup> Belial foi criado para a fossa, anjo de hostilidade. Seu domínio são as trevas, seu conselho é para o mal e a iniquidade. Todos os espíritos de seu lote, anjos de destruição, andam nas leis de trevas. Para elas vai seu único desejo (cf. 1QM XIII, 11-12).

<sup>29</sup> Por causa do seu papel de protetor e salvador, Miguel é considerado uma espécie de super-anjo, superior a todos os outros, um *elohim*, um ser divino. Em textos posteriores, Miguel se tornará defensor do povo no julgamento e sumo sacerdote que intercede a favor do povo. Por ser tão importante para o povo, ele é considerado o mediador entre os homens e Deus. Neste sentido, a tentação posterior de cultuar o Anjo Miguel traz a afirmação da importância que ele tinha no imaginário popular. Cf. SCHIAVO, L. **Fontes dos ditos de Jesus e as raízes da cristologia**, pp. 197-199.



Tanto Miguel como os outros anjos (Gabriel, Sariel e Rafael)<sup>30</sup> estão relacionados com a tradição bíblica de Ez 1,26 e Dn 7,13; 8,15; 10.16.18, que menciona a figura de um anjo com forma de homem.<sup>31</sup> Esta relação entre um ser celestial com forma humana, que é enviado para iluminar, responde a um teólogo judeu, que fundamenta teologicamente a convicção da transformação do justo em luz à semelhança dos anjos: “Todos se converterão em anjos no céu” (1En 51,4); “Os filhos da justiça resplandecerão em todos os confins da terra, irão iluminando até o final de todos os tempos de trevas; e no tempo de Deus sua grandeza excelsa brilhará durante todos os tempos eternos” (4Q496 I, 7-8); “porque os filhos da luz irão para a luz, à eterna alegria, ao regozijo” (4Q548 II, 13). Encontramos esta inspiração ainda em outros textos nos quais o justo espera brilhar como os anjos (cf. 1QM I, 8; XVII, 5-7; 1QS IV,7-8; Dn 12, 1-3).

A luta dos “filhos da luz” de Qumran dura até que tenham passado “todos os tempos das trevas, mas no tempo de Deus brilhará a sua sublime majestade para sempre... para salvação e benção, glória e longos dias para todos os filhos da luz” (1QM I, 8-9). Estes chegarão à luz eterna (1QS IV, 8), pois “a sorte de Deus está destinada à luz da vida” (1QM XIII, 5).

Os membros eleitos da “aliança de Deus se obrigam a amar todos os filhos da luz, cada qual segundo sua participação na salvação, se-

<sup>30</sup> “O preceito para mudanças na ordem da batalha para formar a posição de um quad[rado com torres], uma linha côncava com torres, uma linha convexa com torres, uma linha convexa rasa obtida pelo avanço do centro, ou [pelo avanço, ou [pelo de] ambos os flancos para aterrorizar o inimigo. Os escudos das torres deverão três côvados de comprimento e suas lanças, oito côvados. A torre avançará de formação e terá cem escudos de cada lado; desta [maneira], a torre estará cercada de três lados por trezentos escudos. E também terá dois portões, [um à direita] e outro à esquerda. Eles deverão inscrever nos escudos das torres: no primeiro, Micael, [no segundo, Gabriel, no terceiro,] Sariel e no quarto, Rafael. Micael e Gabriel [postar-se-ão à direita, e Sariel e Rafael à esquerda]... eles armarão uma cilada a ... x nossos acampamentos e guarda-nos de tudo o que é indecente e mau,” cf. VERMES, G. **Os manuscritos do Mar Morto**, p. 125.

<sup>31</sup> John J. COLLINS. The Mythology of Holy War in Daniel and the Qumran War Scroll: a Point of Transition in Jewish Apocalyptic. In: **Vetus Testamentum** 25/3 (1975), p. 606.



gundo o plano de Deus, e a odiar todos os filhos das trevas, cada qual segundo a sua culpa, de acordo com o plano de vingança de Deus” (1QS, I, 9-11). As obras destes “se fazem nas trevas e para elas vai o seu desejo” (1QM XV, 9-11). O dualismo não é meramente antropológico e ético, visto que é atribuído à ação das forças operantes no mundo (espíritos da luz e das trevas). Mas Deus aparece sempre como o criador e o Senhor. Tudo o que existe e acontece vem do “Deus que sabe” e dele recebe o seu destino (1QS III, 15); foi ele quem criou os espíritos da luz e das trevas (cf. QS III, 25).

#### **4. Luz nos Manuscritos de Qumran em diálogo com o Quarto Evangelho**

Tendo em vista o dualismo tão caracterizado em Qumran, não é preciso aduzir para explicar a linguagem dualista encontrada no Novo Testamento, especialmente o Quarto Evangelho. Se nos basearmos por Jo 1,35-39, é de se supor que o evangelista<sup>32</sup> tenha usado uma linguagem semelhante à de Qumran por influência de João Batista, o qual teria crescido na comunidade, ou, de qualquer maneira, a ela teria permanecido por algum tempo, antes de seguir a Jesus. Ou ainda, que essa semelhança de linguagem se dá pela possibilidade de que o evangelista, que escreveu em Éfeso, pudesse ter entrado em contato com o universo intelectual de Qumran através dos discípulos do Batista em Éfeso, ou através da população de Qumran, que depois do ano 70 chegou a Éfeso com seus escritos.<sup>33</sup>

No QE encontramos o dualismo entre luz e trevas: “O que foi feito nele era a vida, e a vida era luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam” (Jo 1,4-5); “Este é o julgamento:

---

<sup>32</sup> Sobre a autoria do QE, cf. Evangelho, cf. Rudolf SCHNACKENBURG. **El Evangelio según San Juan**, vol. 1, p. 104-133; Raymond BROWN. **El Evangelio según Juan**, pp. 99-120; **A comunidade do discípulo amado**, pp. 31- 35 e Martin HENGEL (**The Johannine Question**, 1989; original de 1988)

<sup>33</sup> KÜMMEL, W. G. **Introdução ao Novo Testamento**, p. 280; BROWN, R. **A comunidade do discípulo amado**, p. 31.

a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz” (Jo 3,19-20). Assim como o encontramos em Qumran: “Do manancial da luz provêm as gerações da verdade, e da fonte das trevas as gerações de falsidade. Na mão do Príncipe das luzes está o domínio sobre todos os filhos da justiça; eles andam por caminhos de luz. E na mão do Anjo das trevas está todo o domínio sobre os filhos da falsidade; eles andam por caminhos de trevas” (1QS III, 19-21).

Existe uma semelhança entre os escritos do QE e de Qumran neste aspecto que é importante para a compreensão do dualismo joanino. Em Qumran há tanto um dualismo ético – luz *versus* trevas – como um dualismo escatológico, que aguarda o triunfo escatológico final da luz. Os manuscritos de Qumran – não mais do que o QE – utilizam a linguagem dualista das duas eras. Mas fica claro, que os membros da comunidade de Qumran aguardam um dia de juízo – de visitação divina sobre os poderes das trevas –, quando os ímpios serão destruídos em uma grande batalha escatológica, e quando as recompensas e as punições serão conferidas a cada um (cf. 1QS III, 15-20).

No QE encontramos: “Por pouco tempo a luz está entre vós. Caminhai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apreendam: quem caminha nas trevas não sabe para onde vai! Enquanto tendes a luz, crede na luz, para vos tornardes filhos da luz” (Jo 12,36). De Qumran lemos: “e todos os espíritos de seu lote fazem cair os filhos da luz. Porém o Deus de Israel e o anjo de sua verdade ajudam todos os filhos da luz. Ele criou os anjos da luz e das trevas, e sobre eles fundou todas as obras (1QS III, 24-25). A luz e as trevas identificam-se com o dualismo “o espírito da verdade e da falsidade” (Jo 14,17; 15,27; 16,13), as mesmas formas de expressão encontradas em Qumran. Isto fica ainda mais claro se tomarmos 1Jo 4,6: “Nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve, quem não é de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro”.

As semelhanças de expressão entre o dualismo do QE e o de Qumran são bastante evidentes, mas quanto ao conteúdo da mensagem há diferenças consideráveis: no QE o conflito se dá entre o mundo e seu governador e Jesus encarnado; em Qumran o conflito acontece entre dois espíritos, ambos criados por Deus. Embora haja, uma semelhança verbal entre a luz e as trevas e entre os filhos da luz

e os filhos das trevas, em João estes não são apresentados como dois espíritos dominando sobre duas classes distintas de pessoas; mas o Logos encarnado é a luz e todos os homens estão em trevas, porém são convidados a virem à luz.<sup>34</sup>

Para o QE, a luz do mundo já se manifestou; vive-se sob a mensagem do cumprimento. Ele vê em Jesus o cumprimento das promessas e o proclama vitorioso: “Nele estava a vida” (Jo 1,4); “quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna” (Jo 5,24); “passou da morte à vida” (Jo 5,24); “eu venci o mundo” (Jo 16,33); enquanto na literatura de Qumran vive-se sob a mensagem da espera, acentua-se a luz em luta contra as trevas. Na Regra da Comunidade, as gerações da verdade têm sua origem na fonte de luz. No QE, os que praticam a verdade vão para a luz; e a luz verdadeira é apenas Jesus.

Além do mais, a vinda da luz às trevas do mundo no QE, é uma escatologia realizada, algo completamente diferente de qualquer elemento presente na teologia de Qumran. Também a teologia do pecado é bem diferente: em João, os filhos da luz são aqueles que crêem em Jesus e, deste modo, recebem a vida eterna; nos escritos de Qumran, os filhos da luz são aqueles que se dedicam à estrita obediência à Lei de Moisés, conforme interpretada pelo Mestre da Justiça, e que voluntariamente se separaram do mundo (dos filhos das trevas ou da perversidade). Para o QE, as trevas simbolizam rejeição a Jesus; para Qumran, as trevas representam a desobediência à Lei. Essas diferenças levam à conclusão de que qualquer influência da comunidade de Qumran sobre o QE se localiza na área do idioma e da terminologia, e não na área da teologia fundamental dos escritos de cada um.<sup>35</sup>

Podemos observar outra grande diferença entre QE e Qumran. Em virtude da predestinação, no QE o dualismo empregado mostra também duas classes: trevas X luz, porém Deus não criou o “espírito das trevas”. Ele surgiu pela própria decisão dos seres humanos,

---

<sup>34</sup> Cf. George Eldon LADD. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 350-351; ORRÚ. **Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento**, pp. 67-69.

<sup>35</sup> Cf. LADD, **Teologia do Novo Testamento**, pp. 350-351.

que “preferiram as trevas à luz” (Jo 3,19). Tampouco destinou um grupo à perdição. A luz no QE é Jesus e se destina a todos os seres humanos. O dualismo está entre a fé e a incredulidade das pessoas em relação a Jesus. Em Qumran acredita-se que eles eram os escolhidos e pertenciam à classe dos “filhos da luz”, enquanto os que não haviam sido escolhidos pertenciam à classe dos “filhos das trevas”. Além das diferenças apresentadas, podemos destacar ainda: a procedência de um redentor na esfera da luz divina, característico no QE, não tem nenhuma importância em Qumran (a esperança messiânica é puramente futurística). Inversamente a concepção de “nova aliança”, característica em Qumran, é omitida no QE.

Por ter se valido de formas e expressões usadas em Qumran, pressupõe-se um substrato comum entre as duas literaturas. Mas, ainda que tenha recebido influências de Qumran quanto ao vocabulário e até quanto às idéias, parece-nos que o ensino joanino não se subordinou a alguma seita ou grupo de sua época. O escritor joanino expôs uma mensagem independente e diversa da mensagem da comunidade de Qumran. O dualismo que encontramos no QE teve por finalidade mostrar não só a oposição luz *versus* trevas, mas e, sobretudo, a vitória da luz sobre as trevas, concretizada na pessoa de Jesus: rabi (Jo 9,2), enviado (9,7), homem (9,11.16), profeta (9,17), Messias (9,22), Filho do Homem (9,35), Senhor (9,36). O QE vê na figura de Jesus o cumprimento das promessas e o proclama vitorioso. Assim, podemos deduzir que o modo de falar do QE sobre luz pode ter suas raízes e alimentar-se no chão do judaísmo tardio e que os escritos joaninos refletem a mentalidade e a índole judaica.

### Referências bibliográficas

- BAUCKHAM, Richard. Historiographical Characteristics of the Gospel of John. In: *NTS* 53, 2007, p. 17-36.
- BAUCKHAM, Richard. The Qumran community and the Gospel of John. In: SCHIFFMAN, Lawrence H.; TOV, Emanuel and Vanderkam, James C. (eds.). **The Dead Sea Scrolls fifty years after their discovery: proceedings of the Jerusalem Congress, July 20-**

- 25, 1997.** Jerusalem: Israel Exploration Society/The Shrine of the Book, Israel Museum, 2000.
- BROWN, Raymond E. **A comunidade do discípulo amado.** 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1983.
- BROWN, Raymond E. **El Evangelio Según Juan.** 2 vols. Madrid: Cristiandad, 1979.
- BROWN, Raymond E. **O Nascimento do Messias: Comentários das Narrativas da Infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas.** São Paulo: Paulinas, 2005.
- CHARLESWORTH, J. H. A Critical comparison of the Dualism in 1QS III.13-IV.26 and the 'Dualism' contained in the Fourth Gospel. In: *NTS* 15, 1968-69, pp. 389-418.
- CHARLESWORTH, J. H. Reinterpreting John. In: *Bib Rev* 9, 1993, pp. 18-25.
- COLLINS, John J. **A imaginação apocalíptica. Uma introdução à literatura Apocalíptica Judaica.** São Paulo: Paulus, 2010.
- COLLINS, John J. **Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls.** New York: Routledge, 1997.
- COLLINS, John J. Dualism and Eschatology in 1QM: a Reply to P. R. Davies. In: *Vetus Testamentum* 29/2, 1979, pp. 212-215.
- COLLINS, John J. Introduction: Towards the Morphology of a Genre. In: *Semeia* 14 1979, p. 21-59.
- COLLINS, John J. Power in Heaven: God, Gods and Angels in the Dead Sea Scrolls. In: COLLINS, John and KUGLER, Robert: **Religion in the Dead Sea Scrolls.** Grand Rapids: W. B. Eerdmans P. Company, 2000.
- COLLINS, John J. The Mythology of Holy War in Daniel and the Qumran War Scroll: a Point of Transition in Jewish Apocalyptic. In: *Vetus Testamentum* 25/3, 1975, p. 596-612.
- DAVIES, P. R. Dualism and Eschatology in 1QM: a Rejoinder. In: *Vetus Testamentum* 30/1, 1980, p. 93-96.
- DUHAIME, Jean. *The War Texts: 1QM and Related Manuscripts.* New York: T&T Clark International, 2004.
- F. ORRÚ, Gervásio. **Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1993.



- HENGEL, Martin. **The Johannine question**. Londres: SCM Press, 1989.
- JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. 2ª ed. São Paulo: Teológica, 2004.
- KÜMMEL, Werner G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- MACHO, Alejandro Diez. **Apócrifos del Antiguo Testamento**. Tomo IV - Ciclo de Henoc. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.
- MARTÍNEZ, Florentino G. e BARRIERA, Julio T. **Os homens de Qumran, literatura, estrutura e concepções religiosas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MARTÍNEZ, Florentino G. e BARRIERA, Julio T. **Textos de Qumran**. Trad. Valmor da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MIRANDA, Valtair A. **O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade em Apocalipse 14.1-5**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010 (Tese de Doutorado).
- MURPHY O'CONNOR, Jerome. La verité chez saint Paul et à Qumran. In: **Revue Biblique** 72, 1965, pp. 29-76.
- PFEIFFER, Charles F. **The Dead Sea Scrolls**. Grande Rapids: Baker Book House, 1962.
- RODRIGUES, Elisa. Não misturar, não contaminar: as prescrições de 4QMMT. Limites e identidade social dos membros de Qumran. In: **Oracula** 3,4, 2006, pp. 1-27.
- SCHIAVO, Luigi. **Anjos e Messias: messianismos judaicos e origem da cristologia**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SCHNACKENBURG, Rudolf. **El Evangelio según San Juan**. 3 vols. Barcelona: Herder, 1980.
- Site: <http://www.oracula.com.br>
- TEEPLE, Howard Merle. **The literary origin of the gospel of John**. Evanston Religion and Ethics Institute, 1974.
- VANDERKAM, James C. Os manuscritos do mar morto e o cristianismo. In: SHANKS, Hershel: **Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto**. Rio de Janeiro, Imago, 1993.



VANDERKAM, James C. **Os manuscritos do Mar Morto hoje**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

VERMES, Geza. ***Jesus, o judeu: uma leitura dos evangelhos feita por um historiador***. São Paulo: Loyola, 1990.

VERMES, Geza. **Os manuscritos do Mar Morto**. São Paulo: Mercuryo, 1991.

VIDAL, Senen. **Los escritos originales de la comunidad del discípulo “amigo” de Jesus: el Evangelio y las Cartas de Juan**. Salamanca: Sígueme, 1997.